

RESENHA

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Lucian Armindo da Silva Brinco

Graduação em Geografia e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.
lucianbrinco@gmail.com

Natália Lampert Batista

Professora do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria; docente do Mestrado Profissional em ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) do IFC (campus Brusque). Coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisas em Geografia e Humanidades da UFSM.
natalia.batista@ufsm.br

Milton Santos (1926-2001), considerado por muitos intelectuais como o maior geógrafo do Brasil e um dos mais importantes no mundo, lecionou em instituições como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em Universidades localizadas na África, Europa, América do Norte e do Sul, ganhando o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud em 1994. Dentro de seu vasto arsenal de publicações, o autor escreveu uma obra clássica para a Ciência Geográfica: “*Por uma outra Globalização: do Pensamento único à Consciência Universal*”. Em tese, Santos (2015) nos faz refletir a respeito da alienação acarretada pelo processo de Globalização, sobre as várias mazelas causadas pelo sistema nas relações sociais, bem como dos impactos culturais, ambientais, políticos, econômicos

ocasionados pelo mundo global e, ao mesmo tempo, ele aponta caminhos para mover e/ou transformar as estruturas do mesmo.

Através de seu pensamento crítico-reflexivo, o autor nos envolve com o seu diálogo apontando para uma Outra Globalização. O caminho indicado por ele respalda-se em princípios que, de fato, podem levar ao desenvolvimento das nações, que remetem, por exemplo, a valorização das diferenças, o reconhecimento das individualidades de cada espaço geográfico. A obra também nos expõe uma Globalização utilizada para reverter a fome, a miséria, os díspares problemas morais, intelectuais, políticos, econômicos, sociais.

Dessa forma, observamos que o livro resenhado utiliza de seis capítulos para embasar suas discussões. No primeiro, Santos (2015) faz uma introdução geral, apresentando o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade. Conforme o autor, vivemos em um mundo confuso e tenuamente percebido. De um lado, aparece o formidável desenvolvimento/aperfeiçoamento das ciências e das técnicas; de outro, existe uma referência obrigatória à aceleração contemporânea.

É por meio dessa base que a globalização surge como fábula, ou seja, o mundo tal como nos fazem crer. No entanto, é necessária a análise de quem são os sujeitos beneficiados com o processo de globalização. O mundo globalizado, visto como fábula, apresenta um certo número de fantasias. Falamos, por exemplo, em encurtamento das distâncias através do processo de Globalização, com as viagens pelo mundo, mas na verdade esquecemos que elas somente são acessíveis para determinados indivíduos; aqueles detentores do capital.

Através da Globalização, nos parece que o mundo está ao alcance da nossa mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como sendo capaz de homogeneizar o planeta, mas que na verdade reafirma/aprofunda as diferenças locais. Há uma busca pela uniformidade, mas as pessoas se tornam ainda mais distantes, tornando cada vez mais obscuro o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Na verdade, o consumo e a competitividade que são estimulados (SANTOS, 2015). Assim, percebemos a importância e o papel dos meios de comunicação para divulgação dessas fabulações da Globalização.

Entretanto, ressaltamos que, de maneira explícita ou alienada, existe uma Globalização propriamente perversa. Santos (2015) caracteriza-a como sendo o mundo em sua forma mais tangível; um espaço geográfico tal como é, com taxas de desemprego e pobreza crescentes, perda

de qualidade de vida, retorno de doenças (SIDA), agravamento da fome e de pessoas em situações de descaso social por todas as partes, além, é claro, do aprofundamento de males espirituais e morais, como o egoísmo, a corrupção e o cinismo.

Desse modo, compreendemos que a Globalização Perversa também envolve o abandono social, que é desenvolvido pelo projeto de reprodução do capital. As bases materiais do mundo globalizado constituem-se na unicidade da técnica, na convergência dos momentos e na ideia de conhecimento do planeta (SANTOS, 2015).

Porém, podemos pensar na construção de um outro mundo, isto é, o mundo como possibilidade, na construção de uma Globalização mais humana. Santos (2015) enfatiza que o desenvolvimento da mesma seria possível caso houvesse uma preocupação maior com os problemas socioeconômicos. Ela ganharia espaço na medida em que ocorresse a inclusão e melhoria no bem-estar de todas as pessoas. Dessa forma, uma outra Globalização é possível no momento em que deixamos de focar apenas na parte econômica, trabalhando em uma perspectiva sistêmica, que contempla todas as esferas, sejam elas sociais, políticas, ambientais, culturais. Também é necessário valorizar os gostos, os costumes de cada povo, de cada país, as especificidades dos lugares e não a busca pela homogeneização.

No segundo capítulo é apresentada a produção da Globalização. Segundo Santos (2015), a Globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, principalmente nas diferentes fases da história, devemos levar em conta o estado das técnicas e o estado da política. Existem muitas interpretações da história a partir das técnicas, porém, também precisamos entender o mundo globalizado a partir do contexto político. No entanto, é necessário percebermos que a Globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas, mas o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado global, responsável pelo surgimento dos processos políticos vigentes e eficazes.

Ao longo do capítulo, Santos (2015) ainda se aprofunda mais no que seria a unicidade da técnica. De acordo com o autor, a história é um progresso sem fins das técnicas. A cada surgimento ou evolução de uma técnica, corresponde à uma nova etapa na história; todavia, elas nunca aparecem isoladas, o que gera é um sistema de técnicas.

Uma questão importante abordada na obra é que a técnica da informação, desenvolvida por meio da cibernética, da informática e da eletrônica, possibilita que as técnicas se

comuniquem, assegurando o comércio entre elas, no qual antes não era possível. Porém, lembramos que ela interfere no tempo e nas ações das pessoas. A mesma alcança, direta ou indiretamente, a totalidade de cada país. Ademais, é fundamental considerarmos que o princípio de seletividade também se dá por hierarquia, porque todos os outros lugares são avaliados e devem se referir àqueles dotados das técnicas hegemônicas, sendo um fenômeno novo na história das técnicas e na história dos territórios. No entanto, o sistema técnico da atualidade também é invasor, pois não se contenta em ficar em um só lugar, partindo para outros pontos, através das transnacionais.

Outro tópico trabalhado por Santos (2015) diz respeito à convergência dos momentos. Compreendemos que, acerca da unicidade do tempo, em diversos lugares do mundo a hora do relógio é a mesma, mas os momentos vividos por eles também convergem. A percepção do tempo real, nesse caso, não só quer dizer que a hora dos relógios é a mesma, mas que podemos usar esses relógios múltiplos de maneira uniforme. Na história, nunca houve antes a oportunidade sediada pela técnica de acompanharmos, em tempo real, o cotidiano do outro, sendo uma novidade que, como afirma o autor, pode ser chamada de unicidade do tempo ou convergência dos momentos.

O motor único é outro elemento abordado pelo livro resenhado. Santos (2015) afirma que antes havia no imperialismo diversos motores: o motor francês, o motor inglês, o alemão, o português, por exemplo, que eram todos do sistema capitalista, mas que se desenvolviam em circunstâncias e ritmos diferentes. Hoje, existe um motor único que é a mais-valia universal, visto que a produção se dá em escala global, por intermédio de empresas globais.

No decorrer, é discutido a respeito da cognoscibilidade do planeta. Desse modo, compreendemos que nenhum momento na história, sem ser o atual, vai oportunizar conhecer o espaço geográfico detalhadamente como hoje.

No terceiro capítulo do livro é trabalhado exclusivamente com a Globalização Perversa. Santos (2015) relembra as mudanças ocorridas nos últimos anos do século XX, testemunhando grandes mudanças em todo o planeta. Porém, ele alerta que elas se tornam atualmente unificadas, devido às novas condições técnicas derivarem da ação humana em esfera mundial, sendo que hoje as mesmas assumem características perversas para a maior parte da população.

Nessa perspectiva, devemos considerar também a emergência de uma dupla tirania por trás da Globalização Perversa, como aponta o autor da obra: a do dinheiro e da informação, estando intimamente interligados. Conforme Santos (2015), a informação é fornecida/oferecida para humanidade, sendo que o dinheiro aparece como um motor da vida em sociedade. Assim, reconhecemos que são duas formas de manipular as pessoas, alicerçadas em um sistema ideológico, repletas de ações hegemônicas, que fazem as percepções dos sujeitos tornarem-se fragmentadas e/ou limitadas. Um espaço geográfico cujo discurso único do mundo, com base no totalitarismo, toma forma.

A maneira como a informação é transmitida gera as fabulações. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre pessoas, mas do que é veiculada pela mídia, como uma interpretação interesseira. Santos (2015) considera-a violenta, uma vez que, segundo ele, ela assume um papel verdadeiramente despótico no período histórico atual. As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades e dos seres que o habitam. No entanto, as técnicas da informação do contexto atual são utilizadas principalmente por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares, como é o caso das grandes empresas.

A obra resenhada também comenta a respeito das percepções fragmentadas e sobre o discurso único no mundo. Por um lado, multiplicam-se as percepções fragmentadas; de outro, urge um discurso considerado único para os territórios, com implicações na produção econômica e nas visões contemporâneas, na cultura de massa e no mercado global (SANTOS, 2015).

Na sequência, compreendemos que o mundo globalizado, com a expansão geográfica do sistema capitalista, corrobora para que o consumo, a competitividade, a dominação sejam agravados. O autor salienta que a competição, por exemplo, tem uma interferência muito significativa na ação tomada pelas pessoas. Ele ainda afirma que a Globalização, que é uma fábula e ao mesmo tempo perversa, impede que ocorra o entendimento real do mundo, do país, do lugar, da sociedade, do ser humano, causando uma confusão de espíritos.

Outro aspecto trabalhado no livro refere-se à chamada pobreza estrutural globalizada. O último período, no qual nos encontramos, revela uma pobreza, considerada por Santos (2015), de um novo tipo. O momento demonstra uma taxa de desemprego muito alta e a remuneração

salarial torna-se cada vez mais precária, sendo que, ao mesmo tempo, o poder público retira sua tarefa de proteção social.

No quarto capítulo, Santos (2015) fala sobre o território do dinheiro e da fragmentação. No mundo da globalização, o espaço geográfico adquire novos contornos/características/definições, pois a eficácia das ações está estreitamente ligada à localização geográfica. A compartimentação do território, na época do Imperialismo, a exemplo disso, ocorria pela política dos Estados e, por não disporem das tecnologias da informação e as práticas políticas e econômicas eram mais territoriais, gerando uma maior valorização da cultura local. Com a fluidez da globalização, o território passa a ser utilizado por empresas multinacionais, que o fragmentam, conforme seus interesses e de acordo com as regras hegemônicas, criando uma cultura de massa, estimulando a competitividade e modificando as relações sociais no lugar, provocando alienação. Dessa maneira, desorganizam os espaços, gerando a verticalidade e não mais as relações de horizontalidade.

Ao longo da história, o espaço geográfico também sempre foi objeto de uma compartimentação. Hoje, podemos dizer que a totalidade da superfície da Terra é compartimentada, não necessariamente pela ação direta do ser humano, mas também pela sua presença política, não escapando nenhuma porção do planeta que receba sua influência. Santos (2015) alerta que, com o mundo globalizado, todo e qualquer parte da superfície terrestre torna-se funcional às necessidades, usos e interesses de Estados e empresas.

O dinheiro ganha destaque na dinâmica da Globalização Perversa, já que ele reorganiza a distribuição das ações no espaço geográfico. Torna-se fluido e universal, controlado pelas grandes instituições financeiras, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, não dependendo apenas do exercício do Estado. No entanto, é importante compreendermos que o território acaba perdendo a sua identidade local, tornando-se global e gerando conflitos internos causados por agentes externos, promovendo, assim, o que Santos (2015, p. 8) chama de “Esquizofrenia do Território”.

No quinto capítulo, discute-se a respeito dos limites da Globalização Perversa. Segundo Santos (2015), a promessa de que as técnicas contemporâneas pudessem melhorar a vida de todos cai por terra, já que a escassez também começa a atingir a classe média. Dessa maneira, a

situação atual revela três tendências: a produção acelerada e artificial de necessidades, uma incorporação limitada de modos de vida e uma produção de carências.

No sexto e último capítulo Santos (2015) conclui seu livro, propondo uma Outra Globalização. Diante de todos os problemas que a Globalização como fábula e perversidade apresentam, o autor aponta que é possível uma mudança radical das condições atuais, desde que as centralidades de todas as ações sejam focadas no ser humano e não mais na geração de capital. Além disso, salienta que a Globalização atual não é irreversível, visto ela já dominou as relações entre os países e sujeitos, cujo o sentido dela no planeta ainda estão descobrindo. No entanto, ela pode ser utilizada para outros fins, gerando um mundo mais humano, mais solidário.

Uma outra Globalização pode atuar na promoção de um planeta no qual seus habitantes tenham contato uns com os outros, que a cultura de um lugar seja exposta para outro, mas que ocorra, em primeiro lugar, de forma respeitosa, com a valorização das diferenças. A mesma é capaz de sanar algo tão grande como a pobreza, por exemplo; desde que suas estruturas sejam corrompidas, resinificadas.

Por fim, consideramos que a obra exposta é indispensável para as ciências humanas, no geral, para a Geografia, em particular, e para todos aqueles que procuram argumentos, bases para atuarem em busca de uma sociedade minimamente mais justa. Sem dúvida, ela, acompanhada de um bom senso crítico-reflexivo-emancipatório, apresenta um potencial muito grande para modificar as relações de poder existente nos vários territórios, principalmente de forma globalizada.

Enviado em 04/07/2022

Aprovado em 03/07/2023